

PHERREIRA NGUNGA

GEO
GRAFIA
DOS SONHOS
(POESIAS)



P HERREIRA NGUNGA

GEO
GRAFIA
DOS SONHOS
(Poesia)

Ficha Técnica

Título: GEOGRAFIA DOS SONHOS (Poesias)

Autor: PHERREIRA NGUNGA

Editora Digital: “**ÁGUA PRECIOSA**”

Texto: Verdana 12

Capa: Belson Hossi

Revisão dos Textos: Mille Tavares

Lubango, 2024

Índice

Sonho Africano.....	8
Lubango em Harmonia.....	10
O Olhar de Njinga.....	12
País que nos manda (Alma Mater).....	14
Canto de Angola.....	16
O Sudário da Minha Nação.....	18
O Mito da Caverna.....	20
As lágrimas da terra.....	22
Tempo líquido.....	24
A cor da tua voz.....	26
Pedras que cantam.....	28
A Criação do amor.....	30
A Mística das Palavras.....	32
Desejo frustrado.....	34
A pureza dos olhos.....	36
Orvalho Sobre Frutas.....	38
Nutrição Matrimonial.....	40
O Sumo da Miragem.....	42
Deus: A Natureza da Riqueza.....	44
Amor Eterno.....	46
A natureza do amor.....	48
A Selva dos Elefantes.....	50
Pedra Negra (Black Stone).....	52
África.....	54
O Mito da Pele.....	56
O chão que pisamos – a nossa história.....	58
O Ponto de Luz.....	60
A tragédia de Narciso.....	62
Nação, Nobre Nação.....	64
Terra Negra (Black Land).....	68
Os Poetas Sabem Amar.....	70
Fera Negra.....	72
Mulher Angolana.....	74
Negra Mona Lisa (Black Mona Lisa).....	76
Fada Negra (Black Fada).....	78
Rosa Negra (Black Rose).....	80
Morango Negro (Black Strawberry).....	82
O Amor Substantivo.....	84
Rapariga em Flor.....	86
A Mús(ic)a do meu Pensamento.....	88
Voz do Sangue.....	90
Eurídice Negra (Black Eurídice).....	92
A Invenção de um Dia Novo.....	94
O Trabalho: eterno círculo.....	96
O Ciclo da Palavra.....	98
Lealdade.....	100
A Pedra Filosofal.....	102
Natureza infinita.....	104
O Homem que não Chora vê melhor.....	106

Também Sou Infinito	108
O Silêncio	110
Osmose entre Vida e Morte	112
Manancial	114
Natureza Negra	116
Zungueira Negra	118
Rosa Rubra	120
A dita dura da verdade	122
Espero	124
Amar-te: Viagem a Marte	126
Mimo	128
A Alma do Poema	130
Flor de Lótus	132
Casa Mãe	134
O Círculo da Viola	136
Atmosfera Democrática	138
Rosa Sagrada (Filha)	140
SOBRE O AUTOR	142

A Deus, a minha família e aos amigos.

*Ao Mecenaz "ÁGUA PRECIOSA" não esquecendo a *ASA HUÍ-
LA* ACADEMIA DE AUTORES DA HUÍLA / LUBANGO /
ANGOLA.*



Sonho Africano

No mar da língua
Navega
O sonho do poeta.

O sonho barco
Bamboando sobre as ondas
De um oceano de palavras.

Sonho épico
Na expedição africana,
Do navegar poético,
Atravessando emotivas encruzilhadas.

Sonho aparelhado
No canto doce-amargo
Da mão do poeta em busca
Da sagrada esperança.

Sonho indo à deriva
Pela escrita afora
Na indagação cursiva
De uma geografia
De exaltação da alam negra africana.

Sonho bantu
Quase naufragando
No silêncio impávido
Camuflado
Das elites africanas.



Lubango em Harmonia

Cristo Rei de braços estendidos,
Silente sentinela sobre o vale,
Onde se estende a cidade
Como uma tapeçaria onírica.

Senhora do Monte,
Mãe nas alturas,
Que abraça os ventos
Que antigos segredos sussurram...

pedra, verde, azul-celeste sobre os montes

Praça da Sé,
Coração pulsante,
Onde vidas se cruzam
Em um mosaico de trocas
Entre outras baldrocas
E rotas comerciais.

Arquitetura e natureza,
Uma dança de cadeiras,
Betão e verde
Em perfeita harmonia...

ecos, ritmos, luzes fascinantes ao entardecer

Prédios eriçados
Plagiando árvores de aço,
Esgueirando-se para o céu
Com seus olhos de vidro.

Ruas serpentes
Negros rios urbanos

Entre parques fluentes
De canteiros multicoloridos...

jardins, torres, sinfonias de buzinas

Muros de cordilheira,
Braço esverdeado
Em paredes de cinza,
Vidas formigas
No coração da urbe.

Janelas quadros,
De vívidas pinturas,
Paisagens ondulantes
Estações, cambiantes...

natureza, estrutura, simetria arquitectónica

Retrato da cidade,
Um organismo pulsante,
Onde homem e paisagem
Intercambiam mensagens

Na argamassa,
Florescem jardins suspensos,
Esculturas de aço,
Parques se erguem.

raiz, arquitecto, legado da posteridade

Esquinas repletas,
De inéditas promessas
No intercâmbio afectivo
Entre civilização e natureza.

O Olhar de Njinga

Danças teus olhos
No africano rosto
O ritmo folclórico
Da nossa negritude

Negra emoção
Escorrendo rios
Alcançando a nostálgica paixão
Em longas noites de frio

Sorriso despido
De falsas ironias
No êxtase do espírito
Alcança as verdadeiras alegrias

Mística figura
De fixa contemplação
Para a face dura
Da homeopática razão.



País que nos manda (Alma Mater)

Nasci na tua extensa e imensa memória,
Onde milhares já gravaram a sua história.
Não sou teu filho por aleatória escolha
E sim porque tu me quiseste, ó Angola.

Imperatriz da minha vaticinada sina.
Tu mandas em mim, pois a natureza te destina,
Exigir dos teus filhos, de forma resoluta:
Honra, ufanismo e fidelidade absoluta.

Eu te obedeço e a ti inteiramente me ofereço,
Para nos teus anais erigir grandiosas victórias.
Pois, todo o filho tem de pagar sublime preço

Pela glória de sua mãe que só exige, nunca implora.
Eis-me teu filho, pronto para cumprir sem cerimónias,
Tuas ordens que devem ser acatadas com zelo e honra.



Canto de Angola

Angola, mãe e filha negra desta África,
Que na tua essência enigmática,
Manténs encriptada a tua rica história.
Dá aos teus filhos a honra de cantar tua glória.

Pois, mereces ser ao mundo pomposamente celebrada.
Faz nascer em ti um bardo de voz arrojada,
Para exaltar o heroísmo de Wambo e Ekuikui segundo;
Mostra tal poderio aos olhos esbugalhados do mundo.

Mostra que a força aqui nunca foi exclusividade masculina
Com a bravura e coragem da Rainha Njinga,
Mostra o poder dos fortes braços de Mandume,
Na defesa obstinada dos ideais dos nossos costumes.

Mostra a bravura negra dos teus filhos,
Pintada dourada na terra com áureo brilho.
Mostra a força da nossa natureza,
Num canto de encanto único de beleza.



O Sudário da Minha Nação

A minha nação é uma música que grita
Dentro de mim.
É uma guitarra que solta nota de minha existência
No beco de um esquecido confirm.

A minha nação
É um triste dia de verão
Abandonado numa límpida estação de sol.

A minha nação
É uma criança
Que perdeu a esperança
Com um punhal de promessas enterradas no seu coração

A minha nação
É uma galeria de arte
Exposta no meandro de uma guerra como a do Iraque
Com mulheres feitas vaga-lumes
Entoando gritos de socorro

A minha nação
Tem um nome
Que por longo tempo foi de um homem
Que tinha no lugar do coração
O punhal da corrupção.

A minha nação
É um futuro que se consome
Na fumaça de um incêndio de mentiras
Causadas por uma gritante falta de organização.
Apesar de tudo,
Sei que a minha nação
Será uma bela manhã

Que há de ressurgir um dia
No meio dessa densa escuridão.

O Mito da Caverna

A criação antecipa tudo:
O homem, seus sonhos
Suas invenções e ideais;
A criação antecipa toda a filosofia

No âmago da palavra
Habita a substância do sonho;
Tudo o que o homem sonha
Jaz tácito no invólucro da palavra.

O mito da caverna
Oculto no mistério do idioma.
A boca é a caverna
Que sopra ao mundo laivos de luz.



As lágrimas da terra

As mãos estendidas na rua
São as mãos da terra
Cansada de ser negligenciada.

A terra chora amargurada
De ver seus filhos correrem esfomeados pelas ruas,
Sedento de (sem) razão.

O tempo é sempre favorável.
Mas os homens negam-se à labuta
A labuta agro-metalúrgica e Lda.

O sol doa o seu suor;
As nuvens, suas lágrimas.
Tudo para ver os filhos da terra prosperarem.

Mas os homens
Não entendem a linguagem das estrelas
Nem os sinais da atmosfera.

Da terra só entendem o que querem.
Não o que a terra pede.

A terra pede trabalho,
Só um pouquinho de trabalho.



Tempo líquido

Torcido o relógio
Pingos de segundo
Gotejam na ampulheta.

Instantes sombras,
Dobram o espaço
Reminiscências de memórias
Completam o esboço do futuro

(tic-tac)
(tic-tac)
(tic-tac)

Ecos secos
Precipitam-se no abismo do agora,
Presente iminente
No círculo constante.

Fragmentos de eternidade
Flutuam no vácuo,
E o ontem se faz
Pó de estrelas.

(tic-tac)
(tic-tac)
(tic-tac)

O tempo,
Fantasma invisível
Nos abraça com suas
Mãos de vento.

E nós,

Viajantes efémeros,
Dançando na órbita
Do desconhecido.

(tic-tac)

(tic-tac)

(tic-tac)

A cor da tua voz

Rosa é a tua voz,
Na foz do meu ouvido
Florindo melodias de amor.

Teu olhar
Um ramalhete
Onde avultam
Polissilábicos versos
De um lirismo antigo.

Teu corpo de orvalho
Um pomar de frutos seculares
Onde me abrigo
Como pássaro molhado
Enroladinho no seu ninho.



Pedras que cantam

A natureza floresce
Eternas madrugadas
As montanhas falam
Idiomas celestiais.
Idiomas que nem mesmo o tempo
Consegue decifrar.

Eloquente é o discurso
Que o sol profere
Nas páginas dos dias
Com seus sólidos
Argumentos dourados.

As pedras - ainda que tão baixo -
Cantam na superfície
E no coração da terra.
Toda a natureza é um concerto.
Concerto conduzido
Pelas mãos prodigiosas de Deus.



A Criação do amor

Antes de ti
Tudo era caos
Silêncio e escuridão

Antes de ti
Tudo era amargo
Só havia em mim
Tédio e solidão

Antes de ti
Sobre o meu coração
Pairava um abismo
Um repleto vazio de desolação

Porém, chegaste e truz! Fez-se luz
No meu coração nasceu um belo dia
A noite transformou-se numa terna calmaria
Renasci. Deixei de ser um velho pobre lapuz

Hoje sou um mundo novo
Na presença da luz dos teus olhos
Homem, coração radiante, cheio de luz e cor
Homem, perfeita criação inédita do amor.



A Mística das Palavras

A vida é um desenho de palavras
Recortadas coladas na tela dos sonhos.
Mares azuis reflectem-se nos ares;
Verdes esboços florescem no tempo...

Um sol eterno
Vagueia no espaço do quadro
Que encerra no mistério
A arte da vida.
E, a face perdida da lua
Busca sossegos e desassossegos
Na grandeza da natureza,
E, a pintura pura se turva
No negro que tinge a cor da sepultura...
E o desenho por inteiro se rasga...
E todas as palavras...
Convertem-se em nada.



Desejo frustrado

Amei-te mal te vi sorrindo
Pois, teu sorriso dardejava brilho
Como um diamante, mineral cristalino
Enfeitado na natural beleza do teu rosto

Desejei-te como se fora um louco
Bravamente disposto
A enfrentar seu maior medo
E até, a revelar seu maior segredo

Atravessei o ar da tua graça
E, quase estive perto.
Mas, na iminente hora do acerto,



A pureza dos olhos

A pureza dos olhos
Revela a beleza dos sonhos
Quem olha para as coisas com amor
Desvenda a natureza do seu valor

O belo não mora no espelho
Habita no centro do espaço interno
Quem ama pode entrar em si e vê-lo,
E num impulso da alma, trazê-lo no tempo

Olhar para tudo sem julgar
É dos maiores segredos que há
Só quem realmente ama consegue adentrar
No âmago do mistério do simples olhar.



Orvalho Sobre Frutas

De maçãs e morangos,
Maravilhosa sorvalhada,
Bananas, laranjas,
Numa bandeja negra,
Embelezam a mesa
Banhada de lágrimas.

Brasão angolano:
Amarelo, alegria dourada de sol;
Vermelho, sangue do meu povo;
Negro, África do meu peito
Eternamente tatuada.
Paixão incandescente,
Que brilha à cinábrio-vermelho
Na fremente alegria de um povo
Que almeja na alvura do dia
Um mundo novo.



Nutrição Matrimonial

Sobre a cabeça da mulher
Só cabe um diadema:
A cintilante estrela de amor.
O sol é o ouro que a mulher merece

Olhos que sabem ver diamante
Merecem uma bela flor
Para aspergi-la de orvalho
Nas alvoradas noturnas

Sábias são as mãos
Que burilam gestos delicados
Para alimentar os caprichos
Da rainha amada

Não é árdua a demanda de quem ama
Pois que o homem serve-se do amor
Para nutrir a sua alma.



O Sumo da Miragem

Gosto de ir devagar
Pois, a velocidade
Distorce a perfeição
Da forma das coisas.

Ainda que o caminho seja longo
Prefiro, aos poucos,
Ir degustando com os olhos,
A perfeita forma das coisas.

Chegar não é o ponto fulcral da viagem
Viajar, desfrutar da plenitude da paisagem,
Sim, é, o zénite do gozo do sumo da miragem.



Deus: A Natureza da Riqueza

Estar com Deus é ser rico.
É impossível ser-se pobre quando se vive em Deus.
A natureza de Deus é a própria riqueza.

A abundância, a satisfação
Em Deus se manifestam
Sem tempo de decadência.
A alegria, o amor, a vida
Em Deus encontram uma rotina definitiva.

Deus é a fonte da Luz
E a luz é a força reveladora de todas as riquezas.
O ouro sem Deus não brilha,
A vida sem luz é vazia.

Deus ilumina
Toda a beleza que na natureza se manifesta
A luz de Deus, a vida dos homens destina
O homem que não atinge a riqueza
É um homem que a Deus não se entrega deveras,
Pois, um homem entregue a Deus a luz da lei revela-lhe
A verdade da natureza da riqueza: sabedoria em ação...
Rigor... e sobretudo amor, muito amor.



Amor Eterno

Meu amor
Meu encanto
Minha flor
Te quero tanto

Só não sei
Se sentes o que sinto
Mas eu sempre te amei
E nisso eu não minto

Vem-te a mim
E diga que me amas
Para que vivam enfim
Felizes nossas almas.



A natureza do amor

○ amor tem um único sentido
E para todos os efeitos, não é ambíguo
○ amor tem um só estado: brilha
E é pleno, nunca se esvazia

○ amor é como o sol
É imutável, nunca muda de cor
○ amor só segue um caminho
E, a felicidade é seu único destino

○ amor nunca imita o seu contrário
○ amor revela-se sempre utilitário
○ amor é perfeito, é perenemente brando
E transmite a sua beleza no acto

○ amor tem a sua procedência na alma
Da sabedoria demanda a calma
Que o torna sempre vital como água
Milagrosa capaz de sarar tão profunda mágoa

A natureza do amor é alimentar, é curar,
É doar, é apaziguar, é avivar, é iluminar...
Pois, o amor é para vida,
Como o sol é para o dia.



A Selva dos Elefantes

Gigantes, triunfantes, exultantes fazem a festa,
Da vitória que a natureza os outorgou na selva.
A selva é rica, por isso eles esbanjam à besta,
Dançando, cantando em roda, pisoteando a relva.

“Nobres” elefantes arrogam-se “donos disto tudo”.
Os leões, feras relutantes, são feitos surdos de mudo.
A relva sofre, coitada, as insânias da alegre manada,
Que estende a fanfarra de madrugada a madrugada.

Comem quase tudo. O que sobeja, eles jogam fora.
Onde, quando carentes, recorrem *qual caixa de pandora*.
Nem aí estão para a relva. “Ela que sofra e se contorça!”

“Dane-se a moral, a inteligência... O que vale é a força!”
Os leões descontentes manifestam indignação e revolta.
Mas, afinal, quem irá protagonizar uma política reviravolta?



Pedra Negra (*Black Stone*)

Molhado de orvalho
Teu corpo é um aquário
Água doce sobre cristal
Preciosa pedra negra natural

Exposta na galeria
De um diáfano dia
Híbrida de beleza e fantasia
Perfeita, mas suspeita alquimia

No vitral do meu olho
Desenhado teu corpo
Pintura de um sonho
No qual durmo a sono solto.



África

Chamaram-me noite,
Errante, entregue à própria sorte.
Deram-me açoite,
Para que assentisse que era mesmo noite
E me rendesse a morte.

Queriam ver-me perdida
Na escuridão do destino
Lutei para descobrir o meu caminho
E hoje já não estou sozinho...
Afinal não sou noite
Afinal posso enganar a morte
Afinal posso mudar a minha sorte;
Posso ser o que quiser
E a minha maneira viver;
Posso ser uma bela pátria
De livre homem ou mulher
Que me tem África no coração.



O Mito da Pele

Na simetria da pele
O mito da herança
A noite pintada na raiz
Da semente africana.

Na selva universal
A grandeza da raça
Na dimensão da força
Forjada no fogo.

Hirsuta a palavra
Impulsiona a canção
No embalo do povo
Que celebra o mito da herança.

Mito tradicional
No quórum da ombala
Aprimora o discurso
Do pan-africanismo.



O chão que pisamos – a nossa história

O domínio do chão
Pressupõe a posse
Da sabedoria ancestral.

Pés que sentem a terra
Matam a sede da alma
Com as águas que jorram
Do rio do tempo.

O tempo bebeu o sangue
Dos nossos ancestrais.
Sangue que fez germinar na terra
Os frutos que nós somos.

Não foram vazias
As bocas que atiraram palavras
Pelo vento contra o deserto.

A sabedoria ancestral
Ainda brilha genuína e tatuada
Nos nossos olhos secos.



O Ponto de Luz

No meio da escuridão
Há sempre um ponto de luz.
Persiga o ponto de luz,
E liberte-se do tenebroso caos.

A escuridão é o simulacro da confusão.
Ela sempre nos seduz,
Para depois nos jogar na solidão.
Concentre-se insistentemente no ponto de luz.



A tragédia de Narciso **(A condição de todos nós)**

Quando deixei cair meus olhos
No lago encantado do teu rosto
Cogitei ter visto a verdade.

Nos teus lábios púrpuros,
Vi sangrar de amor
Meu coração cristalino.

Amei-te a ponto de jogar-me
No precipício do desconhecido.
Porque imaginei
Que um pingo de orvalho
Do teu inexpugnável amor
Haveria de salvar-me.

Amei-te numa azáfama inextricável.
Na extensão de um desejo descomunal;
Desejo tão intenso
Que me deflagrava a alma
A ponto de não querer mais nada,
Senão mergulhar no azul diáfano
Da beleza do teu negro rosto.



Nação, Nobre Nação

Nação!
Angola, minha nobre nação!...
Egrégia, filha desta África,
Que dança e vibra o ritmo da máquina
Do mundo em rotação e translação.

Angola, princesa nobre.
Tão graciosa, jamais serás pobre;
Rica sempre serás nas diversas cores do teu brasão,
Que te fazem uma digna nação.

Nação,
Angola, minha nobre nação.
Olha crente para a tua mãe África,
Aceita irreversivelmente a sua heráldica
E mergulha, sem cisma, na sua dinâmica.

Angola,
Minha nobre nação!
Aceita abnegadamente África como tua mãe
E o mundo como teu habitat natural,
No qual, te imponhas infundir todo teu potencial.

Angola,
Vela pelos teus filhos!
Pois, eles ainda acreditam piamente em ti.
Honra-os com bênçãos milagrosas,
Para que tenham inteligência e força
Para te fazerem progredir.

Não vês, Angola?
Não sentes no âmago da tua memória?
Latejando os suspiros dos gritos?...

Os teus filhos, todos os teus filhos clamam.
Os teus filhos que dormem no teu ventre,
Os teus filhos que perambulam diante dos teus olhos,
Os teus filhos vindouros,
Todos eles clamam por te ver pátria mãe sublimada.

Angola, acorda!
Onde está a corda,
Da tua rica trajetória?...

Faz justiça por todas as vicissitudes
Da tua negra história,
Reivindica, perante a tua mãe, o teu quinhão de glória
Por toda a dor, por todo o sofrimento
Da tua pretérita memória.
São tantos filhos em vão perdidos,
Filhos que te quiseram ver grandiosa!
Até quando se verão redimidos,
Perante uma situação ditosa.

Até quando continuarás calada?
Até quando ficarás parada,
Hirta, contemplando impávida,
O sofrimento, a olhos nus, dos teus filhos?
Até quando, assistirás
A este certame de contendas, entre os teus filhos?

Para quando uma mãe que não seja madrasta para uns,
E querida mãe, para os outros?
Para quando uma Angola para todos?...

Ó Angola,
Meu céu e minha terra
Meu sol, minha lua... Minha escolha certa,

Meu mar para navegar!





Terra Negra (*Black Land*)

Adoro a minha terra
Não há no mundo terra melhor
Que no meu coração encerra
Tão genuíno amor

Terra negra, linda terra
Para quem nutre amor por ela e luta por sua santa guerra
Terra finda, terra brega
Para quem no íntimo do seu coração não a carrega

Terra de rios, mares e pulcras florestas
Terra de imensas riquezas, rituais e festas
Terra do rei Jundo, Wambo e Bailundo
Terra de culturas e crenças mui relevantes para o mundo

Terra nossa, terra imensa
Na sua memória preenchida de nossa essência
Terra que nos gerou e locupletou-nos de ciência
Terra que nos sustenta desde a nossa nascença

Terra que em nós cresce
À medida que crescemos nela
Terra que nos nossos corações floresce
Como uma flor superabundante e bela. (...)
Terra dos nossos pais, terra da nossa perene paz.

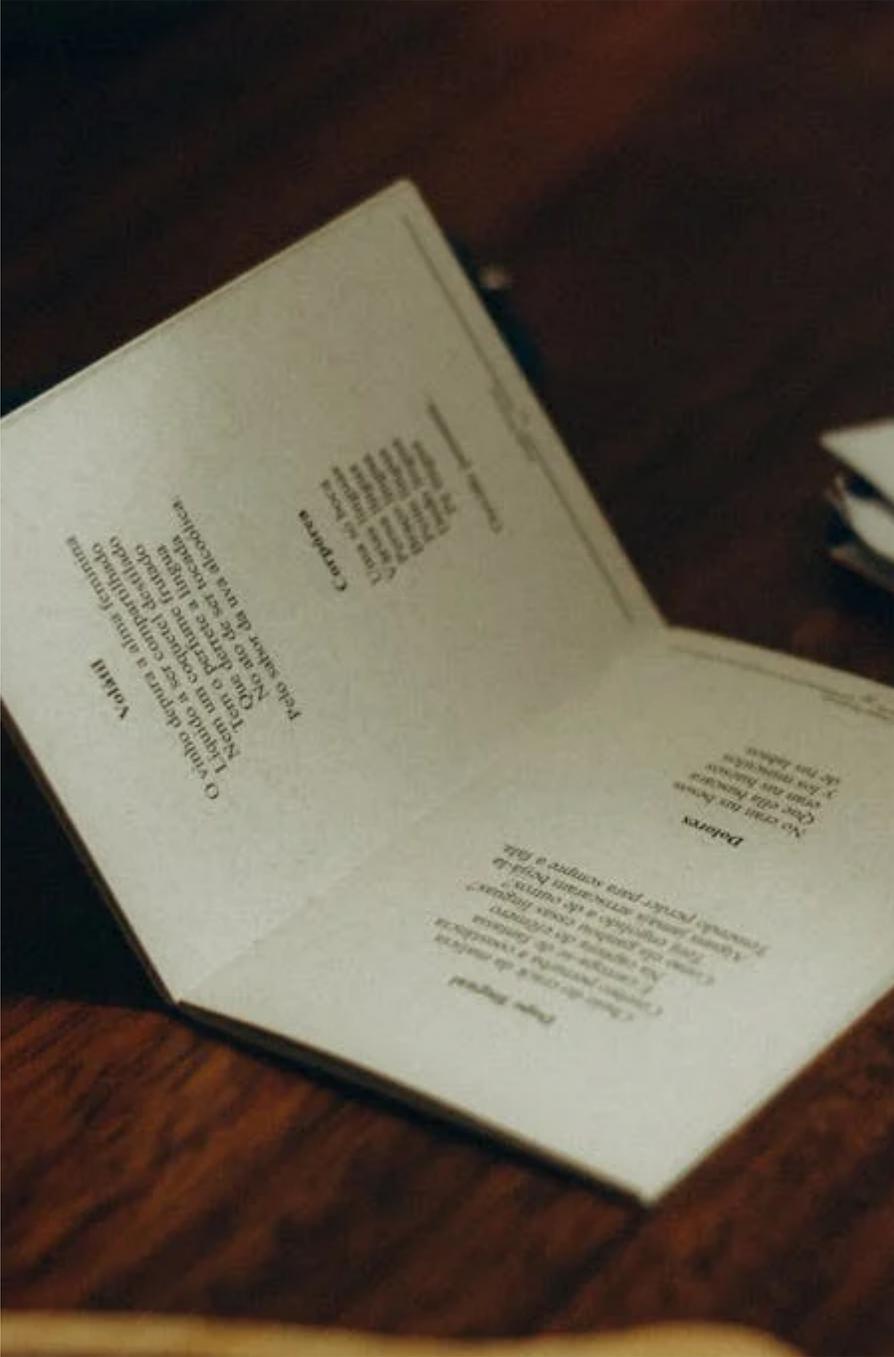


Os Poetas Sabem Amar

Se me deres amor eu serei poeta
Porque os poetas amam
E só são poetas porque amam
Não o são por apenas escreverem poemas,
Mas porque amam
E sabem amar
E com o amor que sentem, expressam em letra,
Tudo que no seu íntimo se manifesta.

Se me deres amor
Eu serei poeta, porque poderei amar;
Poderei em douradas letras expressar
Tudo o que hei de sentir.
Porque sem amor ainda não sinto.
Ainda não posso, de forma inefável, exprimir
A nobre beleza subordinada a esse belo sentimento.
Mas, se me deres amor
Hei de sentir o amor
Hei de exprimi-lo
Concreto sentimento
Em métricos versos
Na bela página da poesia da vida.

Se me deres amor
Eu serei poeta
E em letras
Desenharei o amor, alva candeia do mundo
Com a pena da minha alma.
Desenhá-lo-ei fascinante gravura, poesia concreta
Pintada no grande quadro da vida
Um cisne branco esvoaçando no mar azul de letras douradas!



Fera Negra

Esta fera severa de mulher que és,
Torna fero severo o homem cortês
Que outrora fora por insensatez,
E por hora, ignora sê-lo, por estupidez.

Sinto por dentro um intenso tormento,
Um fogo de ódio que incita este intento,
De querer-te cruel, tal como és, violento,
Apesar de seres esta fera sem sentimento.

Ama-me, peço-te! Com o mesmo amor,
Com que podes odiar ou infligir dor.
Ama-me cruel e agressivamente,
Ama-me rude e inexoravelmente!

Que o teu amor, embora cruel, somente,
Ele, tão-somente, pode sarar este coração doente.



Mulher Angolana

Rosto da cor de um sorriso
Bela ninfa enfeitada no paraíso
Mulher serena, lhana...
No olhar tão diáfana
Que nele se percebe a alma...

Corpo de fogo
Que queima de beleza o olho
De quem a contempla com desejo.
Sem recato nem pejo,
Ao sol estende seu templo
Celebrando, altiva, a beleza
Que lhe concedeu a sua mãe natureza.

De inteligência e vigor revestida
Encontra no trabalho a essência da vida
Que lhe sorri merecida
Nos braços quando o fruto lhe enche a colheita.

Da cabeça, tronco e membros perfeita,
No rosto da rua exhibe a anca
Que lhe confere a negra beleza de palanca.



Negra Mona Lisa (*Black Mona Lisa*)

Para expor o meu amor
Desenharei teu rosto com tintas de cristal.
Pintarei tua boca áurea-rosa
Pintarei teu cabelo negro-prata
Teus lábios morango cinábrio.

Pintarei teu negro corpo
Amarelo vermelho de fogo

E afixarei tal quadro
No vazio do espaço

O mundo inteiro saberá de ti
Viverás a eternidade alegre a sorrir
Nos olhos de todos os homens que não de surgir.



Fada Negra (*Black Fada*)

Negra da cor da terra
Beleza acesa no lume
Da pureza que lhe une
A essência da natureza

Cor que exala genuíno amor
Na orla do Kwanza singela flor
Que os olhos pasmos embriaga
De sensualidade rara de palanca

Amo a tua essência
O teu aroma natural
A tua envolvimento
Com a ambiência cultural

Mulher angolana
Filha negra africana
Do africanismo negro natural
Tua beleza é também dotada
De poder genuinamente sobrenatural.



Rosa Negra (Black Rose)

Teu perigo está na tua beleza
E não na tua cor
Por seres uma bela flor,
Podes, sim, matar com crueza

Tu atraís para ti inocentes corações
Inocentes e débeis
Os enches de ilusões
E os tornas lúgubres e flébeis

Quem por ti se encanta
Sofre tanto que a lástima
Vê já como uma demanda santa.



Morango Negro (*Black Strawberry*)

Amar-te é doce
Pois tu és fruta
Vermelha na boca

Madura precoce
Nos lábios arguta
Pronta fora de época.

Fugida do tempo
Para tão cedo
Me mostrar o paraíso

Mergulho no teu sorriso
Homem decidido
A gozar um instante infinito.

Eu como um Adão
Tu, uma Eva no limiar
Do eterno verão

Fazendo do amor
Um jardim onde cada flor
Exibe o belo deste eterno sentimento.

O Verbo Amar
O radical da poesia
Termina
Na desinência do verbo amar
A vogal temática do amor
Não é a dor
E sim a flor
No limiar da felicidade

Dois seres conjugados no verbo
Homem e mulher no calor do tempo
Navegam destinos
De belos infinitos

Verdes paraísos
Semeiam futuros cheios de sorrisos
Não há pretérito
Só o presente é perfeito
Para se amar e ser amado
E sarapintar a eternidade
Na atemporalidade
Do imperfeito.

O Amor Substantivo

O substantivo é próprio
No encontro
Com a essência do ser
Um corpo
Disposto a viver
Sotoposto no corpo do amor
Torna-se consubstancial
A sua essência conubial
Que forma o colectivo
Num acto puramente selectivo
Que o torna singular
Na forma mais pura de amar.



Rapariga em Flor

Aberta.
Entre os lábios
O desejo treme nas pernas.
Um vermelho cinábrio
Brilha no alto
No pináculo da sua gema
Ela, feito estrela
No espaço navega
Em busca de abraços
No encalço
Do amor bilateral
Rosa natural
A desabrochar de amor
Mostrando a negra loucura
Da beleza da sua
flor.



A Mús(ic)ja do meu Pensamento

Transformei-te em música no meu pensamento
Pensar em ti é ouvir o mais belo hino de amor
Tão suave como teus cabelos soltos na frescura do vento
Tão doce como teu olhar sereno aberto em flor
Me fitando amavelmente atento
Iluminando meu sorriso com sua cor.

Pensar em ti é sonhar
É ir ter com o que há de mais sublime na vida
É viver a mais pura fantasia
Nitidamente transformada em vida real

É entrar num reino
Em que nada é tão pequeno
Em que tudo parece eterno
Em que tudo é tão bonito
Que parece tudo pintado de infinito

Num reino em que tudo canta
Em que tudo encanta
Em nada enfada
Em que tudo agrada.



Voz do Sangue

A voz do sangue grita
Nos confins dos bairros
Onde a miséria se agita
Em frenesins bizarros

A voz negra que clama,
Na surdina da azáfama,
Por socorro aos homens da terra
É a mesma voz que já suportou o ônus da guerra

Não é a voz do negro
De Harlem, hoje liberto
Nem a do dançarino de Chicago
Hoje, absortamente dançando Tango

E sim, a voz do menino mendigo
Que se debate debaixo dos olhos de todo o mundo,
Chorando no íntimo da miséria inextricável, aflito,
Pedindo um pouco de nada a quem tem tudo.



Eurídice Negra (*Black Eurídice*)

Meu amor por ti é canto
Da ausência do teu corpo
Transformado em saudade.
Choro na lira o meu pranto,
E na cítara, o desgosto da fatalidade.

Eurídice, meu amor negro que embacia
Na ânsia do pecado da teimosia.
Sem ti viverei cego sem nunca mais ver a vida,
Porque a vida perdi-a no meu ego, ao olhar
Para ti na hora indevida.

Oh! Pobre amor que triste se vai.
Triste por partir sabendo que nunca mais
Verá o amor com os olhos, vestido no corpo.

Oh! Pobre de mim! Que sozinho me deixas
A vagar sem fim, neste abismo de solidão imensa:
Orfeu errante, cantando eternamente a ausência da sua amante.



A Invenção de um Dia Novo

Inventa para ti um novo dia
Um dia no qual possas nascer
Um novo homem em harmonia
Com tudo que há no teu ser

Inventa um sol quente de verão
Nascendo repleto de amor no teu coração
Inventa uma manhã verde dourada
Calma, clara, casta e orvalhada

Inventa um imaculado horizonte
Impoluto no cume de belo um monte
Que te proponhas, a todo o custo, alcançar

Inventa um límpido caminho desconhecido
Que possas seguir fora de perigo
O destino de um futuro que te possa orgulhar.



O Trabalho: eterno círculo

A terra gira no espaço como um pião.
Eu caminho sobre ela como um peão.
Tanto a terra quanto eu somos irmãos.
Porque é nossa sina a rotação;
É nossa demanda a translação.

Somos todos uma esfera em constante circulação.
A terra não pára, eu também não paro,
Sob pena de irmos todos em extinção.
A terra assídua trabalha, eu pontualmente trabalho.
Assim cumprimos o destino
Do trabalho eterno e infinito.

A terra girando no espaço como um pião,
Eu caminhando sobre ela como um peão.



O Ciclo da Palavra

Eu irei e deixarei a palavra
E a palavra ficará plantada

Para crescer e desabrochar
Na eterna madrugada

Nascerão homens e mulheres
Lá no fundo da estrada

A história será contada
E a palavra será reinventada.



Lealdade

Para tudo podes contar comigo.
E tu sabes...
Porque és meu amigo de verdade.

Quando estás triste,
É comigo que te abres.
Porque sabes...
Que outro túmulo não existe,
Para além de mim - lealdade.

Quando choro,
Dás-me teu colo.
Não por caridade,
Sim, por cumplicidade,
E to dou eu em reciprocidade.

Se perco o meu sorriso,
Tu me mostras o paraíso.
E aí eu já não preciso
De outro abrigo.

Não sou perfeito,
Mas o meu jeito,
Já o estudaste.
E de defeito,
Passou quase a uma qualidade.

Porque quando eu erro,
Ou quando tu erras,
Por mais que eu berro,
Por mais que berras,
Ambos sabemos,
Que é só uma fase.

E sem ir ao extremo,
Fala mais alto nossa amizade.

Tu não és fácil,
Eu sou difícil.
Mas é aí que está a felicidade:
Na diversidade.

Oh, como é bom
Saber, que o melhor de ti,
Que o melhor de mim,
Não se conquista com
Facilidade!

A Pedra Filosofal

Bebi de um trago
A magia do silêncio.
E foram surgindo bago a bago
Os raios de conhecimento.

A inocência submergiu toda,
No mar do meu inconsciente;
A ciência surgiu luminosa
No céu da minha mente.

Tornei-me um sábio do oriente;
Um zen, um filósofo do ocidente.
Descobri a chave da vida: a pedra filosofal.

Examinei-a meticulosamente...
Ela não tem razão de ser aparente:
Ela parece ser somente: um trágico acidente.



Natureza infinita

Meu mundo começou no fim de uma era,
Tal como onde termina o mar começa a terra.

Meu mundo veio e vai para o infinito:
Minha vida não é só realidade, é também mito.

Onde termina, começa sempre outra coisa.
Meu mundo é uma confluência de existências anosas.

A minha consciência é infinita,
Porque é infinito o universo.

A *infinitude* é necessária para a lógica do meu mundo,
Senão minha vida na terra seria um vazio profundo.

A eternidade é necessária para que eu faça sentido,
Se a vida fosse só efémera, viver causar-me-ia tédio.

A minha consciência é imensa como o vasto oceano,
Nunca encontra princípio e fim neste vagar mundano.



O Homem que não Chora vê melhor

O homem que não chora vê melhor
Porque na sua retina não mora o torpor
Que embacia a clareza da realidade;
O homem que não chora vê a verdade.

A emoção obscurece o caminho da razão
O homem que não chora tem de ignorar o coração,
Na véspera de tomar uma importante decisão.

No choro mora o negror da tristeza.
A brevidade do tempo vence-se com frieza.
Chorar não concede ao homem nenhuma riqueza.
Na clareza do olhar mora o fulgor da beleza.



Também Sou Infinito

Todo este céu que vejo é bonito.
A visão do horizonte faz-me crer no infinito.
Olho para o universo e cogito:
Por que não posso ser infinito?

A natureza oferece-me um verde sorriso.
Eu vagueio nele me divertindo,
Ignorando a minha condição de finito.

Olho para a lua
E vejo a minha alma deitada nela nua.
A noite me mostra vários caminhos...
Eu, porém, não sei escolher o do meu destino...

O sol faz-me sonhar com outros mundos
Coloridos, que são verdadeiros paraísos.
Eu imagino-me no Éden sorrindo...
Alegre de mim e de tudo.

Talvez possa crer nisto:
Eu também sou infinito.

Acho a minha vida
Exageradamente bonita,
Para não ser infinita.
Na Tela do Meu Olho

Pintei um sorriso amarelo
Da cor de um sonho
Ficou como um jardim tão belo
Na imensa tela do meu olho

Desenhei meu negro rosto

No dourado sol da madrugada
A sorrir bem-disposto
Na primavera branca de um conto de fada

Meu corpo negro pichei
Na parede azulada da fantasia
Onde fui eleito um negro rei
A correr na verdura do campo de um belo dia.

O Silêncio

O silêncio
É uma música agradável
Quando o tempo
Se revela insuportável

Os desejos
Desvanecem como queijos
Que derretem
Na memória dos sonhos

Os homens são crianças
Que descansam
À sombra da esperança.
E a inocência:
O colorido paraíso da nossa existência.



Osmose entre Vida e Morte

Da janela
Longe da vista
A vida sobre ela
De si mesma dista.
A osmose
Entre a vida e morte
Desenha-se no horizonte
Na linha que funde
O céu e o mar
E confunde
O nosso olhar.

Manancial

Teu corpo
É um poço
De águas

Onde posso
Sem remorso
Afogar as mágoas.



Natureza Negra

Eu sou negro
Tenho a cor do ferro
Mas não sou de ferro
Mortal humano sou,
Num protótipo belo
Que a mãe natureza a seu contento me forjou

Sinto como todo o ser
A dor no corpo e na pele
E tenho um coração cheio
De vazios também por preencher

A vida é um direito meu
Como é de qualquer outro ser

Sou amigo do vento
Venero tudo que existe no tempo
Acolho todos os outros seres no amor
No fraternal amor maior
Porque sei à priori que sou animal
E sou um animal racional

Portanto, não esnobo nenhum ser
A custa de alguma vã supremacia
Apenas busco sempre estar em harmonia
Com todos os que na mãe natureza habitam.



Zungueira Negra

Sou a zungueira maltrapilha
A que cata na estrada o pão da vida
Da vida que ninguém cuida
Se não me sujeitar a poeira e a gravilha

Não despendo esse diurnal sacrifício
Pela reivindicação de algum benefício
E sim, é pela vida que saio casa afora
A sorrelfa, na tranquilidade da aurora

E caço sustento com a força que vibra
Dentro de mim, porque esta é a humana
Condição e eu não posso ficar limitada.

Triste, que apesar de esgotar já toda a fibra
Fim do dia aparece um polícia à paisana
Tentar tirar de mim minha única cartada.



Rosa Rubra

Perfeita rosa num rosal sagrado
Vermelha no centro dum ramalhete dourado
Rosa estelar
Da nebulosa de Oríon
Estrela intermédia
Entre as Três-Marias.

Ave rosa,
No fulgor do azulado céu do dia
Flor airosa
No esplendor do jardim da vida.

Rosa rubra
Intensa e pura
Que na sua vigorosa tessitura
Cora rubro meu cristalino coração.



A dita dura da verdade

A verdade brilha
No espelho da idade.
A sombra de um dia
Não cobre o reflexo da sua intensidade.

Não importa o quanto viva,
Alegre uma mentira.
As águas do tempo
Naufragarão o seu castelo.

Nenhuma verdade morre
À custa de uma mentira.
A verdade, mesmo quando se destrói,
Não desaparece sem deixar ruína.

A verdade dura,
Ainda que inumada numa sepultura.
Não importa quanto tempo, enterrada fica,
Na véspera, nascerá novamente para cumprir a sua dita.



Espero

Espero horas perfiladas nos marcos do tempo,
Eternas jogadas no vácuo do mistério.
Horas das coisas desacordadas para o momento,
Horas das histórias incubadas no silêncio.

Horas mortas, horas sonhando a eterna madrugada,
Horas novas, novas portas para novas jornadas,
Horas por se contar o tempo na estrada
Da vida todas as conquistas ainda não realizadas.

Heroicas horas de heroicas memórias,
Memórias ainda não estampada nos livros de história
Horas que anseiam anelar no mundo vistosas victórias.

Se a minha espera é o grito vosso de esperança,
Pois, que a ela se atrela o vosso afã de glória.
Então, porque não acabais logo com esta tediosa tardança?



Amar-te: Viagem a Marte

Respiro
Em teus cabelos escuros
Os suspiros
Da noite.

Procuro no teu corpo
Os mistérios da morte.
Pouca sorte...
Só encontro
Os despojos do desejo.

Amo os teus olhos
Na solidão da lua,
O teu corpo
No coração da rua.

Procuro
Mais a fundo...

Eis que cotejo e vejo:
Grandes verdades escondidas
No ardor do beijo.

Mergulho toda a sede
De te ver
No céu da tua boca.
Inspiro nos teus brônquios
O ar da minha satisfação.
Penetro sorrateiro
Os aposentos do teu coração,
Durmo nele sonhos de ilusão.

Amar-te,

É uma viagem a Marte.
Teu corpo é astronave
Onde me sinto a bordo
A navegar num espaço tão suave.

Mimo

Eu não sou
Eu me faço
Um actor
Em pleno palco.

Mimo.
Represento meu drama.
Fingindo
Um perfeito melodrama.

Ninguém precisa entender
O que deveras digo.
Alguém só precisa crer
No que sinceramente exprimo.

O dito, no lugar do não dito,
Nem sempre é um veredito.



A Alma do Poema

Poema é como uma casa
Só que ele se constrói com palavras
O poema não é só um glossário de palavras
Ele tem fundação, paredes, tecto de telha ou de chapas.

O poema,
Obedece a um esquema
Tem também teorema
Como qualquer problema.

O poema,
É um quebra-cabeça
Complexo de peças
Que num único sistema
Se completam.

Mas oh! O poema,
Será somente uma obra perfeita
Se ele também tiver alma
A alma de quem o arquitecta.



Flor de Lótus

A flor de lótus
Vive solta
Pelo vento ignoto.

Pois, ela jamais pousa
(E)feito borboleta
No pólen do tempo.

A flor de lótus
É um teor envolto
No invólucro do conhecimento.



Casa Mãe

Em memória do Lar Infantil Otchio

Casa velha, onde a sono solto,
Vaga absorta a nossa infância.
Casa, nossa mãe abandonada,
No suave silêncio da madrugada.

Casa nossa, paraíso eterno
Em que alegres crianças,
Gozamos a velha idade dourada.
Casa, nossa mãe, mãe amada!...

Eterna velha, mãe eterna,
Que no seu delicioso seio
Firmou graciosamente nosso leito.

Casa rosa flor da aurora,
Casa nossa dor que agora,
A saudade adorna em nossa memória.



O Círculo da Viola

Entre parênteses,
Diviso o centro do teu coração.
Maduro teu ventre,
No foco da minha visão.

Volúpia em meus olhos,
Instigam noites de sonhos.
Em que vejo meu corpo,
Dormir alegre no luar da beleza do teu rosto.

Tocar-te viola,
Faz dançar meu coração,
De emoção que evola,
Soltas notas de terna paixão.



Atmosfera Democrática

Diante do espelho,
A paisagem não existe.
O homem vê-se nítido.

Entre o homem e o espelho,
Apenas a atmosfera.
De resto, é o vazio sobre o tempo.

E então, qual é o mistério?
O homem demasiado concentrado no espelho,
Não vê outro objecto, que não seu ego.



Rosa Sagrada (*Filha*)

Quando nasceste eras branca!
Branca como uma rosa diáfana
Sobre a neve. Tão suave e delicada,
Que cobrias de paz minha alma.

Novinha em folha alva dourada,
Uma história de conto de fada,
Em ti, somente se podia escrever;
Tão alva, cândida, clara como a água,
Em ti um futuro alegre e próspero se podia entrever.

Posto que, em teus olhos radiava o amor;
Brilhava um sol, um real verdadeiro sol
Cujo esplendor iluminava a minha alma.

Quando nasceste eras branca,
Virgem como a inocência sagrada.
Aureolada num nimbo de luz e amor.
Eu, pobre pecador, pus-te, em louvor,
Nos meus braços, para lavar a minha alma.



SOBRE O AUTOR



Ferreira Pedro Celestino Maria Ngunga (Pherreira Ngunga), filho de Pedro Celestino Ngunga e de Bibiana Maria, nasceu no Longonjo, município de Longonjo, província do Huambo, no dia 16 de Março de 1982. É professor há mais de 14 anos, enquadrado no Ministério da Educação. Colaborou durante vários anos nos colégios Kamongua, Espírito Santo, Esperança e António Houaiss. Gosta de ler e escrever poemas, jogar ténis de mesa e ouvir música.

Actualmente, reside no Bairro da Mapunda, Lubango/Huíla, rua Dr. António Agostinho.

Frequentou o ensino Básico na escola número 12 desde 1992 até 1996, em 1997 ingressou na Escola 1º de Maio, onde fez apenas a frequência da 5ª classe. Em 2000 frequentou a 6ª classe na Escola da Missão do Tchivinguiro e terminou em 2002 o IIIº Nível. Em 2003 ingressou no IMEL, onde até 2006 terminou o curso de Contabilidade e Gestão.

Em 2008, ingressou no Instituto Superior de Educação (ISCED-Huíla), onde fez o curso de Linguística/Português, no qual é Licenciado desde 2019.

**GEO
GRAFIA
DOS SONHOS
(Poesia)**

PHERREIRA NGUNGA

EDITORA DIGITAL

“ÁGUA PRECIOSA”

Telefone: 00 244 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



TODOS OS DIREITOS DESTA OBRA RESERVADOS A

PHERRERA NGUNGA

Esta obra está protegido por

Leis de direitos autorais na “CPLP”, ”SADC” e “PALOP”

=====

“CPLP” COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

“SADC” COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

“PALOP” PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma *Licença Commons*.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais -

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

**A responsabilidade
Pelos textos, músicas e imagens
É exclusivamente do Autor.**

